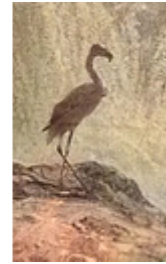


issn: 2176-5960

# Προμηθεύς

## journal of philosophy

n. 38 January / April 2022



HAZARD, P. “Voltaire et Spinoza”. *Modern Philology*, v. 38 (3), University of Chicago Press, 1941, pp. 351–64.

### VOLTAIRE E SPINOZA

Paul Hazard

Tradução: Gionatan Carlos Pacheco Brasil

Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria

Voltaire, que examinou todas as doutrinas filosóficas, antigas e modernas, porque tinha o tormento da verdade, encontrou Spinoza nos caminhos de seu pensamento? Ele o conhecia bem? Teria o compreendido profundamente?<sup>1</sup>

As coisas se apresentam curiosamente aqui. Por muitos anos, e até os dias de sua velhice, ele parece não ter concedido a Spinoza senão uma curiosidade passageira e um interesse medíocre. Várias vezes ele evocou sua memória; mas não era para ele senão um nome e um símbolo — o símbolo do homem que, sendo incrédulo, não pratica menos a virtude. A ideia era corrente, desde que Bayle havia desenvolvido o que Montesquieu chamou de seu paradoxo sobre os ateus; ela é retomada sem cessar nas polêmicas da época. Isto é o que Voltaire faz:

Seguidamente temos visto ateus / Estimáveis em seus erros; / Suas opiniões infectadas / Não corromperam seus costumes / Spinoza sempre foi fiel / À lei pura e natural / Do Deus que ele combateu / E o Des Barreaux que insultamos / Se não teve as luzes do sábio / Teve o coração e a virtude. [*On a vu souvent des athées / Estimables dans leurs erreurs; / Leurs opinions infectées / N'avaient point corrompu leurs mœurs. / Spinoza fut toujours fidèle / A la loi pure et naturelle / Du Dieu qu'il avait combattu, / Et ce Des Barreaux qu'on outrage / S'il n'eut pas les clartés du sage / En eut le cœur et la vertu.*]

---

<sup>1</sup> Nem os estudos gerais sobre a influência do espinosismo na França (Paul Janet, “Spinoza en France”, *Les Maîtres de la pensée moderne* [1888], pp. 105-sq.; Paul Siwek, S.J., *Spinoza et le panthéisme religieux* [1932]); nem os estudos particulares sobre a filosofia de Voltaire (Georges Pellissier, *Voltaire philosophe* [1908]; Paul Sakmann, “Voltaire als Philosoph”. *Archiv für Geschichte der Philosophie*, Tome XVIII [1904]; J. R. Carré, *Consistance de Voltaire le philosophe* [1938]), consideraram o caso.

Nesta “*Ode sur le fanatisme*”, que é de 1732, uma variante deu maior destaque a Spinoza, em detrimento de Des Barreaux, que foi expulso; mas o significado permaneceu o mesmo:

Spinoza era doce, simples, amável; / O Deus que seu espírito culpável / Havia desatinadamente combatido / Tendo piedade de sua fraqueza, / Deixou-lhe a sabedoria humana / E as sombras da Virtude. [*Spinoza fut doux, simple, aimable; / Le Dieu que son esprit coupable / Avait follement combattu, / Prenant en pitié sa faiblesse, / Lui laissa l'humaine sagesse / Et les ombres de la Vertu.*]

Ele muitas vezes retornará a esse tema; e Frederico II, seu aluno em poesia, o tratará, por sua vez, em versos incomparavelmente piores dos que de seu mestre, no dia em que ele reprova Formey por ser um inimigo secreto da filosofia e por ousar pretender que a incredulidade advém da libertinagem:

E então, grande doutor, você conhece Spinoza? / Quem nunca de devassidão em seu tempo o acusa? [*Et quoi donc, grand docteur, connais-tu Spinoza? / Qui jamais de débauche en son temps l'accusa?*]<sup>2</sup>

Os males da humanidade, dirá a décima terceira das *Cartas Filosóficas* [*Lettres philosophiques*] (1734), vêm dos religiosos, e não dos racionais: “não é Montaigne, nem Locke, nem Bayle, nem Spinoza, nem Hobbes, nem Milord Shaftesbury, nem Collins, nem Toland, que carregaram a tocha da discórdia em sua pátria. ...” Trata-se de uma reverência feita a um filósofo, e certamente não uma afirmação do spinozismo. Ao menor contato com o spinozismo — Voltaire defende-se vivamente. “Você se lembra, senhor”, escreveu ele a Gravesande em 1737, “da calúnia absurda que circulou no mundo durante minha estada na Holanda. Você sabe quão nossas pretensas disputas sobre o spinozismo e sobre questões de religião não têm o menor fundamento. Você ficou tão indignado com essa mentira que se dignou a refutá-la publicamente. ...” E seu conhecimento não parece ter se aprofundado muito em 1752, na segunda parte do *Poema sobre a lei natural* [*Poème sur la loi naturelle*]; depois de afirmar que Deus colocou no coração de cada homem uma regra moral que basta para dirigir sua consciência, e de tal forma que eles não podem violá-la sem sentir remorso, ele faz uma pausa para recolher e refutar uma objeção:

Entendo com Cardan Spinoza que murmura: / “Esses remorsos”, ele me diz, “esses gemidos da natureza, / Não são senão o hábito e as ilusões / Que uma necessidade natural inspira nas nações”. / Raciocinador infeliz, inimigo de si mesmo, / De onde vem essa necessidade? Por que o Ser Supremo / Põe em nosso coração, por interesse, / Um instinto que nos liga à sociedade? [*J'entends*

<sup>2</sup> “Épître à d'Alembert”, *Oeuvres* (éd. de 1898), XIII, 119.

*avec Cardan Spinoza qui murmure: / “Ces remords,” me dit-il, “ces cris de la nature, / Ne sont que l’habitude et les illusions / Qu’un besoin naturel inspire aux nations.” / Raisonneur malheureux, ennemi de toi-même, / D’où nous vient ce besoin? Pourquoi l’Être suprême / Mit-il dans notre cœur, à l’intérêt porté, / Un instinct qui nous lie à la société?]*

Se Spinoza fosse um de seus familiares, teríamos visto emergir sua fisionomia, seus argumentos, sua doutrina, nos momentos em que Voltaire discute, consigo mesmo e com os outros, as questões relativas à mente [*esprit*] e à natureza, à liberdade e à fatalidade, ao ser e ao nada; e certamente, tais momentos são numerosos em sua vida; talvez nenhum escritor tenha posto mais obstinadamente, no alvorecer de um novo dia, os problemas que, no dia anterior, ele havia tido por elucidados e resolvidos. Mas é a Locke que ele apela — a Locke, seu mestre e seu oráculo. Spinoza está ausente, enquanto valor filosófico, enquanto intérprete do enigma do mundo. Se às vezes é chamado à beira da vala onde as sombras revivem, é por um ato de polidez, retornando rapidamente ao reino dos mortos.

Depois tudo mudou. Não contente em evocá-lo, Voltaire o retém, o interroga, faz esforço por compreendê-lo, combateu-o como um adversário escolhido, com o qual é, ao mesmo tempo, difícil e tentador travar combate. De quando data essa nova atitude, tão diferente? Não temos a pretensão de dizê-lo<sup>3</sup>. Contatamos somente que a partir de 1765, com Voltaire com setenta e um anos, os textos em que a questão é Spinoza aparecem e se repetem em sua obra com uma frequência que tende à obsessão. O fato é tão impressionante que pedimos permissão para indicarmos o detalhe.

#### *1765. Questões sobre os milagres:*

Voltaire desenvolve a ideia de que nunca podemos ter um pensamento uniforme, mas que podemos amar uns aos outros: “Spinoza não acreditava em nenhum milagre; mas ele compartilhou o pouco de bem que lhe restava com um amigo necessitado que acreditava em todos eles. Pois bem! lastimemos a cegueira de Bento de Spinoza e imitemos sua moral: sendo mais esclarecidos do que ele, sejamos, se possível, tão virtuosos”.

Mais significativo é outro texto do mesmo ano:

---

<sup>3</sup> Não são datados os comentários manuscritos que provocaram em Voltaire a leitura da famosa obra de Nieuwentyt, *L’Existence de Dieu démontrée par les merveilles de la nature*. Nieuwentyt tendo atacado Spinoza, Voltaire o refuta em termos que denotam um certo conhecimento do assunto. Esses comentários são posteriores a 1760, tal sendo a data da edição de Nieuwentyt da qual ele se vale (éd. Garnier, XXXI, 135). Sem data é esta frase do *Extrait d’un manuscrit de M. de Voltaire, intitulé le Sottisier* (XXXII, 503): “Spinoza, tendo recebido uma anuidade de quinhentas libras do pai de um jovem que havia sido seu discípulo, devolve as quinhentas libras ao jovem que ficou pobre”.

*1765. Liberdade de impressão:*

“Vejam, por favor, que o Estado se perdeu por um livro. O mais perigoso, o mais pernicioso de todos é o de Spinoza. Não só como judeu ele ataca o Novo Testamento, mas como erudito ele mina o Antigo; seu sistema de ateísmo é melhor amarrado, mil vezes melhor raciocinado do que o de Estratão e de Epicuro. É preciso a mais profunda sagacidade para responder aos argumentos pelos quais ele tenta provar que uma substância não pode formar outra”. No entanto, Spinoza não mudou o mundo.

*1766. O Filósofo Ignorante, cap. xxiv, “Spinoza”*

Depois de tantas peregrinações infrutíferas pelas várias filosofias, “e tendo passado por todas as regiões da metafísica e da loucura, finalmente quis conhecer o sistema de Spinoza”. — Não é que seja especificamente novo; mas Spinoza empregou um novo método — o método geométrico: “Vejam se ele não se perde metodicamente com o fio que o conduz”. — Segue-se uma análise dos princípios orientadores da *Ética*, apoiada por uma citação precisa: “Eis aqui as suas próprias palavras, p. 45 da edição de 1731” — ‘O erudito Bayle foi repreendido por ter atacado duramente Spinoza sem entendê-lo’. É verdade que Bayle atacou Spinoza duramente, mas não injustamente: pelo contrário, Bayle viu claramente “o ponto fraco deste castelo encantado”; ele disse “como é insensato fazer Deus estrela e abóbora, pensamento e estreme, agressor e agredido”. — No fundo, Spinoza não reconhece nenhum Deus; “ele provavelmente só usou essa expressão para não assustar o gênero humano. Ele parece ateu na plena força do termo”. — Segue-se uma refutação que não vem mais de Bayle, mas do próprio Voltaire: ele fala em nome da física, tendo Spinoza assumido o pleno com Descartes, “que seja demonstrado, estritamente falando, que todo movimento é totalmente impossível no pleno”; e sobretudo em nome das causas finais, que é impossível de negar. — De resto, Spinoza se enganava de boa-fé; ele inverteu todos os princípios da moralidade, mas ele próprio era de uma virtude rígida: sóbrio, delicado, generoso. — O desenvolvimento termina com a constatação da ineficácia dos esforços de Bayle, de Spinoza e de todos os filósofos: “nenhum filósofo influenciou nem nos costumes da rua onde viveu. Por quê? porque os homens se conduzem pelo costume, e não pela metafísica. Um único homem eloquente, habilidoso e acreditado poderá muito sobre os homens; uma centena de filósofos não podem fazer nada se forem apenas filósofos”.

*1767. Homilias pronunciadas em Londres em 1765 em uma assembléia privada.*

*Primeira homilia sobre o ateísmo:*

Deus existe, de fato: somos seres inteligentes; o que supõe uma inteligência universal. Isso é o que Spinoza admite, “que raciocinou metodicamente”. Mas ele não reconheceu senão uma só substância, e estava errado.

Os ateus cometeriam todos os tipos de crimes, nas tempestades da vida pública. “Citar-me-ão ainda, se quiserem, o sofista geométrico Spinoza, cuja moderação, desinteresse e generosidade são dignas de Epicteto”. Ainda assim, nos grandes lugares, ou nas facções, os ateus se mostrariam imbecis ou pervertidos.

*1767. Carta sobre Rabelais e sobre outros autores acusados de falar mal da religião cristã:*

A décima destas *Cartas* é consagrada a Spinoza. Depois de ter lançado flechas contra aqueles que pouco sabem sobre sua pessoa e sua vida (no dicionário de Ladvocat, no de Baral, “tantas palavras, tantas falsidades”); depois de testemunhar sua moralidade (“deve-se odiar seu ateísmo, mas não se deve mentir sobre sua pessoa”); depois de esboçar uma imagem pitoresca de sua excomunhão pela Sinagoga e (“o cantor judeu entoava palavras de execração; a corneta tocada, velas pretas derretem gota a gota em uma tina cheia de sangue; Bento de Spinoza foi dedicado a Belzebu, a Satanás e a Astaroth; e toda a sinagoga clamou: Amém!”); depois de um dístico contra a perseguição (sem perseguição, talvez nunca tivesse escrito contra Moisés e contra Deus; mas “a perseguição irrita; anima quem sente gênio; torna irreconciliáveis aqueles que a indulgência teria retido”) Voltaire aborda o *Tractatus theologico-politicus*.

Não é um tratado sobre ateísmo, ainda que o tenham dito. “Esta obra é muito profunda, e a melhor que ele fez; Sem dúvida condeno seus sentimentos, mas não posso deixar de admirar sua erudição”. [*Le premier,*] Spinoza observou que a palavra hebraica *ruhag*, que traduzimos por alma, significa vento, respiração; que entre os hebreus, tudo o que é grande leva o nome de divino: os cedros de Deus, os ventos de Deus; [*le premier,*] ele desenvolveu “o perigoso sistema de Aben-Hezra”, segundo o qual o Pentateuco não é de Moisés, o livro de Josué não é de Josué. Ele provou que Esdras foi o autor. Em suma, “ele fez um uso culposo de suas luzes, mas tinha luzes muito grandes”.

A partir daí, Voltaire passa para o *Traite de l'athéisme*, “que, aliás, não levava esse título”. Ele está menos seguro da validade da refutação de Bayle: Bayle teria bem

refutado Spinoza, se Spinoza tivesse admitido que havia um Deus. Mas ele não reconhece Deus, e só se serviu dessa palavra para não chocar os homens.

Voltaire, então, se remete pessoalmente à obra e retoma seus próprios argumentos. “Obstinado com Descartes, Spinoza abusou desta palavra igualmente célebre e insensata de Descartes: *Dê-me movimento e matéria, e eu formarei um mundo*. Obstinado ainda com a ideia incompreensível e antifísica de que tudo é pleno, imaginou que não pode existir senão uma só substância, um só poder que raciocina nos homens, sente e lembra e se segue nos animais, faísca no fogo, rola nos ventos, ronca no trovão, vegeta sobre a terra e se estende por todo o espaço”. Por outro lado, “segundo ele, tudo é necessário, tudo é eterno; a criação é impossível; não há desígnio na estrutura do universo, na permanência das espécies e na sucessão dos indivíduos. Os ouvidos não são feitos para ouvir, os olhos para ver, o coração para receber e expelir sangue, o estômago para digerir, o cérebro para pensar, os órgãos de geração para dar vida; e os desígnios divinos não são senão os efeitos da necessidade cega”.

“Esse é precisamente o sistema de Spinoza. Estes, creio, são os lados pelos quais se deve atacar a sua cidadela: uma cidadela construída, se não me engano, sobre a ignorância da física e sobre o mais monstruoso abuso da metafísica”.

*1769. Tudo em Deus, comentário sobre Malebranche, pelo Abade de Tilladet:*

A teoria da visão em Deus leva ao espinosismo:

“Eu não pronuncio o nome de Deus senão como um papagaio, ou como um imbecil, se não tenho a ideia de uma causa necessária, imensa, ativa, presente a todos os seus efeitos, em todos os tempos, em todos os lugares.

“Não podem me opor às objeções feitas a Spinoza. Dizem que ele fez um Deus inteligente e bruto, espírito e abóbora, lobo e cordeiro, roubando e roubado, matando e matado; que seu Deus não era senão uma contradição perpétua; mas aqui, não fazemos de Deus a universalidade das coisas. ...”

No mesmo ano, Voltaire escreveu a Madame du Deffand [3 de abril]: “Sinto muito bem que o século de Luís XIV é tão prodigiosamente superior ao século atual, que os ateus desta época não valem tanto quanto os do tempo passado. Não há nenhum que se aproxime de Spinoza. Este Spinoza admitiu, com toda a antiguidade, uma inteligência universal; e é bem preciso que haja uma, visto que nós temos inteligência. Nossos ateus modernos substituem a isso um não sei qual natureza incompreensível, e um não sei quais cálculos impossíveis. São galimatias que dão pena.”

1770. *O Sistema verossímil* [*Le Système vraisemblable*]:

Colocamos nesta data, ou em qualquer data posterior, o fragmento que leva este título, cuja terceira parte é consagrada a Spinoza. Voltaire fala aí do *Sistema da natureza* [*Système de la nature*], do barão de Holbach, que é de 1770.

“Spinoza não teve a imaginação de Lucrecio; ele não se importava; era um espírito seco, mas profundo; ousado, mas metódico, que reconciliava aparentemente contradições e que era muito obscuro em seu método”. Ele era, além disso, um verdadeiro filósofo, por sua moral pura. Só recebemos seu livro depois de sua morte, que passa por um curso de ateísmo. “Não sei se o livro dele merece esse nome fulminante; eu o li com toda a atenção de que sou capaz; admite claramente uma inteligência suprema; não nega a existência de Deus, mas tem de Deus ideias contraditórias; pareceu-me geometricamente absurdo.” Bayle refutou. “O que tem seduzido muitos leitores é seu grande princípio de que uma substância não pode criar outra. De fato, essa operação não é concebível por nosso débil entendimento, e nenhum filósofo da antiguidade a admite. Spinoza também zomba da própria criação como da quimera mais extravagante que passou pela cabeça dos homens. Ele perde sua moderação filosófica quando fala sobre isso. Eis aqui as suas palavras: “Não há desculpa para se deixar levar a uma opinião tão absurda e tão essencialmente contraditória quanto a da criação”.

No conjunto, “o maior ridículo está obviamente contido nos lemas e nos teoremas metafísicos de Spinoza; e com isso, ele quer que sirvamos e amemos a Deus sinceramente e sem interesse. Ele diz expressamente que o ama assim: Não é um desatino raciocinado? Reporto-me a qualquer homem esclarecido e sábio. ...”

1770. *Questões sobre a Enciclopédia*. Artigo “Causas finais” Seção I:

Virgílio falou bem, quando disse: “Mens agitat molem”, etc. “E Bento de Spinoza, que não tem a clareza de Virgílio, e que não lhe vale, é forçado a reconhecer uma inteligência que preside a tudo. Se ele me tivesse negado, eu lhe teria dito: Bento, você está louco; você tem uma inteligência, e você a nega, e a quem você a nega?”

A essas ideias, Voltaire acrescenta uma precisão de outra ordem: “Ele assinava B. Spinoza. Alguns cristãos, muito mal instruídos, e que não sabiam que Spinoza havia deixado o judaísmo sem abraçar o cristianismo, tomaram esse nome pela primeira letra de Benedictus, Bento”. De fato, se chamava Baruch.

Orgulhoso dessa descoberta, Voltaire a utilizará várias vezes:

1771. *Questões sobre a Enciclopédia*, Artigo “Deus”, “Deuses” Seção III, “Exame de Spinoza”:

Todos os dados anteriores são aqui retomados e desenvolvidos. Spinoza difere dos ateus da antiguidade, pois admite uma inteligência operante na matéria e fazendo um todo com ela; e nisso adota um método geométrico. Ele o tomou de Descartes, o qual imitou até no estilo.

O que vai surpreender a turba dos que gritam: Spinoza! Spinoza! sem tê-lo lido, é que professou o amor de Deus. Aqui está esta profissão de fé, p. 44: “Se eu também concluísse que a ideia de Deus, compreendida sob a da infinitude do universo, me dispensa da obediência do amor e do culto, eu faria uso ainda mais pernicioso da minha razão”, etc. — “Foi o virtuoso e terno Fénelon, foi Spinoza quem escreveu esses pensamentos?” E Voltaire se diverte fazendo um paralelo entre esses dois autores.

Spinoza era difícil de entender; talvez Bayle tenha o combatido sem o bem entender. “Sempre acreditei sobretudo que Spinoza não entendia bem a si mesmo, e que esta é a primeira razão pela qual não o entendemos.”

Sobre as causas finais, Voltaire inicia um Diálogo com Spinoza, e ele o confunde. A sua indignação com a ideia de que o olho não foi feito para ver, o ouvido para ouvir, a macieira para dar maçãs, cresce até ao insulto. É “o maior absurdo, a loucura mais revoltante que já entrou na mente humana. Por mais dubitante que eu seja, essa demência me parece evidente, e o digo”.

Spinoza se contradisse expressamente, na sua primeira parte do *Ser em geral e em particular*. “Eis aqui suas palavras: Que me seja permitido deter-me aqui por um momento para admirar a maravilhosa prodigalidade da natureza...” etc.

*Ibid.*, Seção VI:

“Concordo com você que o fanatismo é um monstro mil vezes mais perigoso do que o ateísmo filosófico. Spinoza não cometeu uma só má ação: Chastel e Ravailac, ambos devotos, assassinaram Henrique IV. ...”

1772. *As Cabalas*: [*Les Cabales*]

Permita que aqui embaixo cada um faça o que quiser; / Admito que Epicuro tinha uma alma honesta, / Mas o grande Marco Aurélio era mais virtuoso. / Lucrécio era bom, Cícero era melhor. / Spinoza perdoou aqueles cuja fraqueza



/ De um eterno motor admirava a sabedoria ... [*Permettez qu'ici-bas chacun fasse a sa tête; / J'avouera qu'Epicure avait une âme honnête, / Mais le grand Marc Aurèle était plus vertueux. / Lucrèce avait du bon, Cicéron valait mieux. / Spinoza pardonnait à ceux dont la faiblesse / D'un moteur éternel admirait la sagesse*]

1772. *Os Sistemas* [*Les Systèmes*:]

Tendo reunido a frivolidade dos sistemas filosóficos, na própria presunção de seus vários representantes, que imaginam ter revelado a Deus o segredo de sua criação, Voltaire faz comparecer Spinoza:

Então um pequeno judeu, de nariz comprido, tez pálida, / Pobre, mas satisfeito, pensativo e retraído, / Espírito sutil e oco, menos lido [do]que célebre, / Oculto sob o manto de Descartes, seu mestre, / Caminhando com passos contados, aproxima-se do Grande Ser. / “Perdoe-me, disse ele, lhe falando em voz baixa; / Mas penso, cá entre nós, que você não existe. / Acredito que provei isso pela minha matemática. / Tenho alunos rasos e maldosas críticas: / Julgue-nos.” ... Com estas palavras, o globo inteiro estremeceu, / E com horror e pavor, São Tomás recuou. / Mas Deus, clemente e bom, compadecendo-se deste infiel, / Ordenou somente que seu cérebro fosse purgado. / Não podendo mais compor para o prêmio, / Ele partiu, escoltado por alguns belos espíritos ... [*Alors un petit Juif, au long nez, au teint blême, / Pauvre, mais satisfait, pensif et retire, / Esprit subtil et creux, moins lu que célèbre, / Caché sous le manteau de Descartes, son maître, / Marchant à pas comptés, s'approche du Grand Être. / “Pardonnez-moi, dit-il en lui parlant tout bas; / Mais je pense, entre nous, que vous n'existez pas. / Je crois l'avoir prouvé par mes mathématiques. / J'ai de plats écoliers et de mauvais critiques: / Jugez-nous.” ... A ces mots tout le globe trembla, / Et d'horreur et d'effroi, Saint Thomas recula. / Mais Dieu, clément et bon, plaignant cet infidèle, / Ordonna seulement qu'on purgeât sa cervelle. / Ne pouvant désormais composer pour le prix, / Il partit, escorté de quelques beaux esprits ...]*

A esta passagem está atrelada uma longa nota sobre a filosofia de Spinoza; mais uma vez, Voltaire retoma sua exposição, suas críticas, suas reflexões diversas. Ele retorna à ideia de que falam muito sobre esse filósofo, mas que ninguém o lê. Spinoza foi refutado pelo humano Fénelon, pelo sutil Lami, e sobretudo em nossos dias pelo abade de Condillac e pelo abade Pluquet.

1773.

No escrito intitulado *Les trois siècles* [*Os três séculos*] (1772), Sabatier de Castres atacou Voltaire: mas este teve sua vingança. Anuncia a Marmontel que tem nas mãos um manuscrito spinozista de seu inimigo, escrito inteiramente de sua pena e assinado Batherabit, que é aproximadamente o anagrama de seu nome (carta de 29 de julho de 1773).

1774. *Diálogo de Pégaso e o ancião*:

A vingança é executada. Após uma resposta furiosa a Sabatier de Castres, Voltaire fará uma revelação. “Nós o vimos e lemos, e temos nas mãos o *Spinoza comentado*, explicado, esclarecido, embelezado, escrito inteiramente pela mão do abade Sabotier, natural de Castres; e depositaremos este monumento junto de um notário ou de um escrivão, assim que ele nos der permissão; porque não queremos dispor de tal escrito sem o aval do autor”. Assim as autoridades são advertidas. ... De nossa parte, retemos somente que, nessa data, Voltaire possuía uma uma exposição manuscrita da filosofia de Spinoza.

Falávamos de obsessão: vemos, por tais exemplos, que a palavra não era demasiado forte. O conteúdo e o valor deste pensamento, vamos examiná-los agora.

É difícil dizer qual livro apareceu recentemente, ou qual livro se encontrava nas prateleiras de sua biblioteca, qual frase encontrada de passagem, qual conversa possa ter despertado a curiosidade de Voltaire; e qual causa ocasional interveio para mudar sua atitude, para convidá-lo a estudar um filósofo por quem até então não sentira senão uma simpatia nominal e vaga. Mas podemos, pelo menos, invocar uma causa profunda: a saber, aquele exame de consciência a que Voltaire procedeu em sua velhice e para o qual Norman L. Torrey corretamente chamou a atenção<sup>4</sup>; essa necessidade que ele sentia de considerar seus próprios princípios, de confrontá-los com os dos outros e de refazer, por assim dizer, sua filosofia: sair a descobrir que ele tinha razão, e a terminar onde havia começado. Estranho e admirável caso de um homem que, no momento em que os outros não olham mais do que as portas do túmulo, volta à escola, retorna aos seus aprendizados, e demanda aos eternos guardiões do pensamento, aos livros, se eles não teriam reservado algum segredo que ainda lhe pudesse servir! Quando, escreve, no *Filósofo ignorante*, que depois de ter passado por todas as regiões da metafísica, quis enfim conhecer Spinoza, e é a esse impulso que obedece. Desejo sempre renascente de encontrar uma metafísica que lhe pareça segura; desejo sempre frustrado.

Esse pensamento, de uma só vez inquieto e condenado a retornar ao seu ponto fixo, é capaz de se nuançar. Depois de ter afirmado o ateísmo puro e simples de Spinoza, ver mesmo sua filiação com tal ou qual sistema da antiguidade, compreende que há aqui uma doutrina mais original e mais complexa que o materialismo. Quase se irrita quando encontra em Diderot a ideia expressa nos *Pensamentos filosóficos*, e segundo a qual a matéria tomou de si mesma os arranjos admiráveis. Então Voltaire pega sua pluma e

---

<sup>4</sup> Ver seu *Voltaire and the English deists* (1930), p. 19.

escreve na margem do livro: “Não há nenhum, porque é preciso um desígnio e [que]a matéria bruta não pode ter um desígnio. Spinoza admite o pensamento com a matéria, e admite os desígnios”<sup>5</sup>.

No entanto, ele não entende plenamente uma filosofia que o perturba e que o espante. Demasiado inteligente para não adivinhar suas riquezas obscuras, Voltaire é demasiado rápido, demasiado precipitado, demasiado superficial para segui-la até suas partes mais abstrusas e menos facilmente penetradas. Ele descobre, compartilhando o preconceito de seus contemporâneos, que a obra-prima de Spinoza é o *Tractatus theologico-politicus*, e não a *Ética*. O *Tractatus* é de uma leitura menos complicada; e visto que ataca a Bíblia, ele é de maior ajuda para Voltaire<sup>6</sup>.

A *Ética*, ele não a leu no texto; somente a leu na exposição de Boulainvilliers, *Réfutation des erreurs de Benoît de Spinoza, par M. de Fénelon, archevêque de Cambrai, par le P. Lami, Bénédictin, et par M. le Comte de Boulainvilliers ...* (Bruxelas, 1731). Em primeiro lugar, ele tinha a obra em sua biblioteca; o que não é prova suficiente: pois quantos livros temos em nossa biblioteca que nunca lemos! e se não tivéssemos lido os livros senão os que temos em nossa biblioteca, quão pouco teríamos lido! Trata-se então de uma presunção. Em seguida, em várias das passagens em que fala de Spinoza, fala também da obra de Boulainvilliers, prestando-lhe homenagem: de modo que é difícil não acreditar que ali está a sua fonte<sup>7</sup>. Enfim, ele cita Spinoza várias vezes: aqui estão suas próprias palavras, ele diz a seus leitores. Duas vezes ele dá uma referência precisa: página 45 da edição de 1731 (*Le Philosophe ignorant*); página 44 (*Questions sur l'Encyclopedie*, art. “Dieu, Dieux, Profession de foi de Spinoza”). Logo, verificação feita, trata-se de fato das páginas 45 e 44 da *Réfutation* de Boulainvilliers (1731). Por duas vezes cita sem indicar a página: “Spinoza se contradisse expressamente em sua primeira parte do *Ser em geral e em particular*. Eis aqui suas palavras: Que me seja permitido deter-me aqui por um momento para admirar a maravilhosa prodigalidade da natureza”, etc. (*Questões sobre a Enciclopédia*, artigo citado). “Eis aqui suas palavras: não há desculpa para se deixar levar a uma opinião tão absurda e tão

<sup>5</sup> Norman L. Torrey, “Voltaire’s reaction to Diderot”, *PMLA*, Tome L (1935).

<sup>6</sup> Anotação de Voltaire sobre o *Commentaire* de Don Calmet: “Belo cão raciocinador, se foi Esdras quem fez Moisés falar!” George R. Havens e Norman L. Torrey. “The private library of Voltaire at Leningrad,” *PMLA*, Tome XLIII (1928). Ver, sobre as informações bíblicas de Voltaire, A. R. Morehouse, *Voltaire and Jean Meslier* (1936).

<sup>7</sup> Por exemplo, *Lettre sur Rabelais* (1767): “Sr. Boulainvilliers pôs em francês seu *Traité de l'athéisme* (que por sinal não tinha esse título) e que estava em um latim obscuro e em um estilo muito seco. Não temos senão o veneno; Boulainvilliers aparentemente não teve tempo de dar o antídoto”.

essencialmente contraditória quanto a da criação” (*Le Système vraisemblable*). A primeira dessas citações pertencente à página 146, e a segunda à página 75 da obra de Boulainvilliers, a demonstração parece feita<sup>8</sup>.

A bem conhecida passagem do *Dictionnaire* de Bayle, cuja demonstração ele reproduz, reforça ou critica; e o tratado de Boulainvilliers: é daí que ele extrai sua erudição. Quando ele declara, no *Système vraisemblable*, “eu o li com toda a atenção de que sou capaz”, a questão é somente de saber até onde foi sua capacidade de atenção.

Ele não se deu ao trabalho de estudar longamente, como podemos ver muito bem, uma doutrina que não se deixa assimilar sem um duro esforço. Ele não a compreendeu. Esbarrava, de fora, com posições já tomadas, ideias que ele conscientemente submetia a uma nova prova, mas que se confundiam com a própria essência de seu pensamento. Ele não era ateu nem panteísta; não queria o ser. Ele era um deísta; e os argumentos que vieram abalar seu deísmo, ele os rejeitou. Ele os repeliu com tanto mais impaciência quanto, a partir da década de 1760, um ateísmo até então vergonhoso e larval tendeu a se transformar em ateísmo descarado e glorioso. Spinoza parecia-lhe um aliado do Barão d’Holbach, cujo *Sistema da Natureza* [*Système de la Nature*] apareceu em 1770, e o ateísmo do círculo holbachiano o inquietava e irritava.<sup>9</sup> A existência de causas finais é uma verdade inegável; como há pessoas para negar as causas finais? Se você faz desaparecer as causas finais, faz desaparecer o Ser Supremo, sua sabedoria, sua bondade; tudo se obscurece e o universo cessa de ser explicável. Eis, ao que parece, o que ele rumina ano após ano, e quase dia após dia, com a paixão de um homem que defende seu último refúgio, que reforça por uma afirmação incessante suas crenças ameaçadas. Assim, ele interpela Spinoza violentamente; às cortesias que ele lhe fazia no início sucederam palavras de hostilidade, reprovações, até mesmo qualificativos grosseiros. Quão perigoso é este homem! Seu ateísmo é mais difícil de refutar do que o dos Antigos, porque ele não é materialista. “Spinoza, em seu famoso livro, tão pouco lido, não fala senão de Deus; e ele foi repreendido por não conhecer a Deus. É que ele não separou a Divindade do grande Todo que subsiste por ela.<sup>10</sup> Aí reside sua “insensatez raciocinada”.

<sup>8</sup> Para questões relacionadas com a influência de Boulainvilliers e para a *Traité des trois imposteurs* (*La Vie et l'esprit de Spinoza*) (1763), que Voltaire também tinha em sua biblioteca, ver Ira O. Wade, *The clandestine organization and diffusion of philosophic ideas France from 1700 to 1750* (1938). Ele tinha em sua biblioteca, ainda, Boulainvilliers, *Doutes sur la religion, suivis de l'analyse du Traité théologico-politique de Spinoza* (1767); é de onde ele conseguiu o que ele disse sobre *Tractatus* em sua *Lettre sur Rabelais* (1767)?

<sup>9</sup> Sobre essa atitude de Voltaire ver Norman L. Torrey, *Voltaire and the English deists*, p. 20.

<sup>10</sup> Ver *Les Systèmes*.

O perigo está aí. Esta palavra “perigo”, Voltaire a pronuncia seguidamente, a propósito do Tratado de impiedade do filósofo judeu, “o mais perigoso, o mais pernicioso de todos”. Spinoza é um perigo para os corações dos deístas.

Nesse ponto, Voltaire se tranquiliza um pouco, em virtude de outra ideia fixa em seu espírito: felizmente, ele pensa, Spinoza não é claro. Além de verdade e clareza se confundirem voluntariamente em sua consciência, ele considera que um autor obscuro tem menos chances de cativar as almas do que um autor que pode ser lido sem dificuldade. D’Holbach é mais perigoso que Spinoza: de fato, “o autor do *Sistema da Natureza* tinha a vantagem de ser lido pelos estudiosos, ignorantes, mulheres; ele, então, tem méritos no estilo que Spinoza não teve.<sup>11</sup> ... Você é muito confuso, Baruch Spinoza: mas você é tão perigoso quanto o dizem? Eu sustento que não; e minha razão é que você é confuso, que escreveu em mau latim e que não há dez pessoas na Europa que o leiam de uma ponta a outra, o que quer que lhe tenham traduzido para o francês. Qual é o autor perigoso? É aquele que é lido pelos ociosos da corte e pelas damas”<sup>12</sup>.

Voltaire teve o grande mérito, raro na época, de abordar Spinoza de boa fé e sem preconceitos; não só ele não o anatematiza, mas o fez sair do limbo onde havia sido deixado por muito tempo para chamá-lo para si, para lhe dar consistência e força. Na inquietude filosófica que não é todo o seu caráter, mas que é um dos traços que acredito discernir nele, e que se manifesta com mais força nos anos de velhice, ele lhe demanda que o esclareça por seu turno sobre o mistério da vida; ele o interroga. Mas ele entende mal a sua resposta, porque é a priori indisposto contra ela. Ela é de ordem metafísica: e Voltaire tem horror a toda metafísica; ele se recusa a se deixar levar por essas grandes vertigens. Ele está disposto a usar o *Tractatus theologico-politicus* para sua polêmica; diante da *Ética*, ou melhor, diante de seu resumo, diante da interpretação que Boulainvilliers lhe deu, ele experimenta um sentimento muito complexo: tributo de admiração prestada a uma grandeza incomum; desconforto; ensaio de adequação aos seus fins; hostilidade; ironia, mas em menor grau do que muitas outras; compreensão parcial de certos princípios da doutrina; e no conjunto, incompreensão, veto imposto mais pela vontade talvez do que pela inteligência.<sup>13</sup> Existem dois seres, na história dos esforços do espírito, que sejam mais profundamente opostos? De um lado, o Senhor de

---

<sup>11</sup> *Questions sur l'Encyclopédie*, art. “Dieu”.

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> Sobre a incompatibilidade do pensamento de Voltaire com o de Spinoza ver A. O. Lovejoy, *The great Chain of Being* (1936), p. 210.

Ferney; do outro, o “pobre judeu desterrado, vivendo com trezentos florins de renda na obscuridade mais profunda”<sup>14</sup> contente de comer sua aveia e polir suas lentes de luneta: nada além do que o infinito.

---

<sup>14</sup> *Questions sur l'Encyclopédie*, art. «Dieu», Sec. III: *Examen de Spinoza*.